

RAPOSAS E GALINHAS NO DESENVOLVIMENTO DO SENSO NUMÉRICO

Foxes and chickens in the development of number sense

Liliana Manuela Gaspar Cerveira da Costa¹
Camila Sandoval de Andrade²

Resumo: Este trabalho resulta de uma reflexão sobre a importância da utilização de diferentes estratégias que visam promover uma mentalidade de crescimento junto aos alunos, como preconizado por Jo Boaler na abordagem Mentalidades Matemáticas. Nesse sentido, são apresentadas atividades interdisciplinares, realizadas por crianças do final da Educação Infantil e do 1º Ano dos Anos Iniciais que exploram a contagem e a construção do conceito de número, bem como o seu significado, incentivando o reconhecimento da relação número quantidade e sua abstração numérica, recorrendo a diferentes representações para a composição do número 10, em contraponto a uma prática mecânica e repetitiva.

Palavras-chave: Mentalidades Matemáticas; senso numérico; erro; matemática visual; matemática e literatura

Abstract. *This paper results from a reflection on the importance of using different strategies that aim to promote a growth mindset among students, as recommended by Jo Boaler in Mathematical Mindsets approach. In this sense, interdisciplinary activities are presented, carried out by children at Kindergarten and 1st grade that explore counting and the construction of the concept of number, as well as its meaning, encouraging the recognition of the number-quantity relationship and its numerical abstraction, using different representations to compose the number 10, as opposed to a mechanical and repetitive practice.*

Keywords: *Mathematical Mindsets; number sense; error; visual mathematics; mathematics and literature*

¹ Doutora em Matemática pela Universidade de Aveiro, Portugal. Professora do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: lmgccosta@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5258-1447>

² Especialista em Educação Matemática pelo CPEI. Professora da Escola Sá Pereira, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: csa.camilasandovalandrade@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3093-9759>

1. Introdução

Neste relato de experiência, visando realçar a importância que o desenvolvimento do senso numérico tem para que a Matemática possa ser compreendida como meio de comunicação, valorizamos o seu encontro, na sala de aula, com a Literatura. Mostrar e vivenciar uma matemática que faça sentido, que expresse significado, onde os números “conversam” e suas ideias se conectam é fundamental para garantir a fluência numérica e isso deve ocorrer desde a fase do letramento matemático.

Com a Literatura, acreditamos que a humanidade tem a oportunidade de tornar-se mais ampla, de modificar-se ou de enriquecer sua própria experiência de vida e, na sala de aula, ela favorece que o aluno se torne mais compreensivo e receptivo das ideias do outro. Através da exploração das múltiplas linguagens, tocantes e lúdicas, presentes nos livros infantis, podemos desenvolver habilidades em relação ao conhecimento matemático intrínseco a essa expressão.

A noção de quantidade está presente desde muito cedo no ser humano, há evidências de que “as crianças passam a representar números muito antes do início da contagem verbal” (Xu, 2000, p.1). Os documentos oficiais brasileiros preconizam que o desenvolvimento de noções matemáticas seja uma realidade na etapa pré-escolar. Para Vial e Richit (2022), a apropriação do conceito de número, que está estritamente relacionado à percepção de quantidade, é uma das noções matemáticas a ser priorizada no desenvolvimento da criança, não se resumindo à contagem mecânica nem à “capacidade de identificar e representar signos numéricos e seus respectivos nomes” (p. 3). Neste sentido, é de primordial importância pensar a contagem como uma vivência no/do cotidiano das crianças da Educação Infantil (EI) e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF), e pressupor uma aprendizagem onde os conceitos de número e operações são explorados e que, a partir de suas interações com o meio social, o aluno desenvolve gradativamente a numeralização. A criança deve partir de contextos que envolvem o ato de contar e, conseqüentemente, explorar as relações de quantificar e comparar, o que promove a compreensão e a flexibilidade no uso do sistema numérico.

Assim, desenvolvem-se habilidades fundamentais na aprendizagem de Matemática, como a estimativa de quantidades resultantes de cálculos e a realização de operações, em que os alunos não só compreendem o significado do número mas são capazes de ler e conectar ideias que envolvem as situações na solução de uma tarefa real.

Para tanto, as propostas, que visam uma mentalidade de crescimento, em conformidade com a abordagem Mentalidades Matemáticas (MM), segundo Boaler, (2018, p.51), devem combinar os cinco elementos considerados necessários para o engajamento matemático: curiosidade, conexão de ideias, desafios e investigação, criatividade e a colaboração entre alunos. Para isso, trazemos a relevância do trabalho com a Literatura como um recurso para a abordagem MM. O recurso aos livros infantis permite cativar e envolver as crianças, através de um desenvolvimento instigante em que elas aprendam a coletar e interpretar fatos, analisar, tirar conclusões e responder

adequadamente ao que cada situação pede, o que propicia que mais tarde, por exemplo, sejam capazes de compreender enunciados de outras tarefas e o mundo que as rodeia.

A seguir, descreveremos como foi levada à prática essa convergência entre o universo literário e a matemática com crianças da EI e dos AIEF de uma escola particular do Rio de Janeiro.

2. Fundamentação

Desde sua origem, o contar/ouvir histórias está intimamente ligado a uma função indispensável no ser humano: a de agir sobre as mentes. Essa ação pode ser (re)pensada em função da espiral da aprendizagem criativa, Figura 1, referida por Resnick "Enquanto as crianças do jardim de infância brincam com as peças de montar, constroem castelos e contam histórias, elas se envolvem com todos os aspectos do processo criativo" (2020 p. 11).

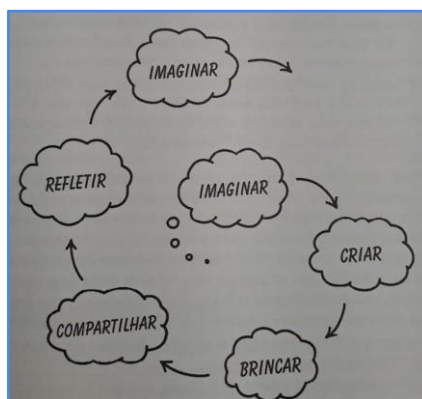


Figura 1 –Espiral da aprendizagem criativa

Fonte: Resnick, 2020, p. 11.

O senso numérico entendido como a “habilidade que permite que o indivíduo lide de forma bem-sucedida e flexível com os vários recursos e situações do cotidiano que envolvem a matemática” (Spinillo 2014, p.21 *apud* Assis *et al.*, 2020, p. 4), precisa ser pensado em todo o processo de desenvolvimento da criança, desde as suas primeiras interações sociais, que antecedem a entrada para a Escola, na convivência em diferentes contextos, onde ela está imersa. Ou seja, as interações informais construídas são pontes dialógicas para com o entendimento do número e a aprendizagem formal ensinada nas escolas desde a EI. E esse momento é crucial para a construção de conceitos que não sejam equivocados, pois como referem Corso e Dorneles: “Crianças com senso numérico desenvolvido têm uma compreensão do que os números significam” (2010, p.1). O alcance da familiaridade e habilidade com os números dentro de uma perspectiva de numeralização, parte do universo de cada criança, de suas possibilidades de interação social mais ampla. Assim, da mesma forma que as interações espontâneas da criança com a linguagem oral podem auxiliá-la, desde cedo, a desenvolver habilidades verbais, desenvolvendo repertório vocabular e consciência fonológica, esse sentido numérico

deve ser vivenciado e experimentado em diversas situações do cotidiano das crianças, desde muito pequenas.

Por sua vez, compreendendo o senso numérico como uma ideia complexa que depende de diferentes características para ser desenvolvido, que simplesmente para além de boas intuições sobre números, abrange a compreensão de suas relações e significados e que são atribuídos aos números no contexto para a aprendizagem e em diversas situações do cotidiano da criança. Acreditamos que planejamento, intencionalidade, mentalidade de crescimento e atividades criativas e visuais são caminhos para se aprender, são essenciais para o bom desempenho e proficiência do aluno em Matemática, desde os primeiros anos de escolaridade.

Na perspectiva da abordagem MM, as atividades têm como premissa, tornar a Matemática agradável, praticável e acessível para todos, despertando um novo jeito de ensino que instiga o crescimento, com criatividade e inovação, desenvolvendo o potencial matemático que há em cada aluno ou aluna de uma sala de aula. Também apresenta uma mudança significativa na forma como os alunos lidam com os erros. Atitudes importantes, que implicam e favorecem o reconhecimento do erro como parte do processo da aprendizagem, encontram-se nas mensagens que são transmitidas aos estudantes quando estes cometem um erro, por exemplo. Também, a contribuição ativa de todos se manifesta no engajamento de uma proposta, quando as atividades passam a ser mais colaborativas e abertas, contemplando diferentes níveis de desenvolvimento, e quando se recorre à distribuição dos alunos por subgrupos, equilibrando a participação e o comprometimento dos mesmos. A interação tão valorizada nas ideias de Vygotsky, toma vida nas salas de aula com esta abordagem.

O senso numérico, idealizado como um importante dispositivo a ser gradativamente desenvolvido através das interações sociais, seja na família ou na escola, valida atividades cotidianas que abarcam a necessidade do entendimento sobre número, como por exemplo: organizar a quantidade de utensílios sobre uma mesa, identificar um andar nos botões de um elevador, reconhecer o tamanho de um calçado etc., as crianças experimentam e ativam processos para si e para os outros de forma que faça sentido, dentro de determinados contextos. Assim, um amplo repertório de ideias e vivências que envolvem as diferentes funções do número devem ser exploradas para a apropriação de estratégias eficientes em diferentes situações matemáticas.

A abordagem MM e o desenvolvimento do sentido de número, conecta-se à Base Nacional Curricular da Educação Infantil (BNCC-EI) que concebe a criança como ser que observa, questiona, formula hipóteses e conclusões, faz julgamento, assimila valores, se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico. E, nesta perspectiva considera que as aprendizagens da criança não podem ser concebidas num processo espontâneo, pressupondo o papel fundamental da mediação planejada e intencional do(a) professor(a) (Brasil, 2018).

No livro *O que a Matemática tem a ver com isso?*, Boaler (2019) aponta a forma como professores e pais podem transformar a aprendizagem desta disciplina, aproveitando para ressaltar a importância de não subestimar o papel das interações no

âmbito familiar, com a oferta de quebra-cabeças, jogos que estimulem a percepção de padrões, inspirando o contexto matemático a fim de despertar a curiosidade, ratificar pensamentos e encorajá-los, desde a mais tenra idade, e em todos os ambientes. Aqui se insere, também, o recurso aos contos infantis.

A literatura torna-se um potente instrumento para conhecer e interagir com o mundo, mobilizando recursos em que as crianças, assumem uma mentalidade de crescimento em relação ao aprendizado de Matemática que transforma a atmosfera da sala de aula num ambiente dinâmico, experimental, indutivo e colaborativo.

Para ilustrar a importância dessa fundamentação teórica, trouxemos a história “Uma raposa”, de Kate Read (2022), em que os alunos conheceram uma raposa esfomeada que se depara com galinhas gorduchas, um livro que explora a contagem e envolve o ouvinte/leitor num suspense de tirar o fôlego.

3. A sala de aula

Alunos da EI e do 1º ano dos AIEF, com idade entre 5 e 7 anos, em uma instituição particular do Rio de Janeiro, foram convidados a explorar os dedos das mãos, materiais manipuláveis e o registro gráfico a partir do conto, visando a compreensão do enredo e, conseqüentemente, o registro de números.

Com a atividade, intenciona-se no 1º ano a observação no empenho de habilidades de contagem, dos seus princípios (maneiras de tomadas de decisões que podem combinar-se para a resolução de um problema - pré-conceitos para análise combinatória), conhecimento de número, sua decomposição e transformação que, a partir da soma entre dois números, formam o número 10 (composição e decomposição). Na Educação Infantil, nos voltamos para as habilidades de leitura e comparação de números de 1 dígito e o desempenho em cálculos mentais simples, pois acreditamos serem destrezas que, uma vez adquiridas, refletem-se fortemente nos AIEF de forma positiva, assim como, não sendo capacitadas repercutirá em dificuldades de aprendizagens na Matemática e, conseqüentemente, gera ansiedade e falta de empatia em relação à disciplina.

Vejamos a aplicação das atividades:

3.1. Atividade 1: Eu conto e você desenha!

Numa sala de aula da Educação Infantil, com cerca de 20 alunos, com idade entre 4 e 5 anos, a professora conta a história para turma, organizada no chão, todos em uma roda. Algumas crianças observam a narrativa atentamente e, a maioria, interage com a contação, motivadas pelo suspense ao longo da história, lançam sons, gestos com as mãos, contam com os dedos. Num segundo momento, a professora pede às crianças que ilustrem a contação da mesma. Aqui temos a importância da linguagem natural e observação de momentos que possibilitam o desenvolvimento do conhecimento informal, tão importante e enriquecedor para ser somado ao repertório no processo de aprendizagem formal no ensino da matemática, assim como, no desenvolvimento do

senso numérico. Num terceiro momento, pediu-se que cada aluno observasse na sua produção o número de galinhas desenhadas e de raposas, unindo o conhecimento informal e inato a respeito do número apresentado até então no desenho, com uma ação intencional e investigativa que envolve contagem e necessita ser construída pela criança após a interação social.

Lançamos, para cada uma das três crianças que realizaram os desenhos abaixo, Figura 2, a pergunta: “entre galinhas e raposas, quantas galinhas você tem?” Levamos em consideração nesse momento o conhecimento sobre contagem e o procedimento realizado. Relativamente a cada uma das três imagens se obtiveram, respectivamente, as seguintes respostas: “mil galinhas! E uma raposa”, “cem galinhas e nenhuma raposa” e “três galinhas e uma raposa”, sendo esta última obtida após a contagem elemento a elemento.



Figura 2 – Ilustração da história.

Fonte: As autoras.

3.2. Atividade 2: Eu conto e você reconta (galinhas)!

Em ambas as turmas, após se contar a história, se apresentou uma tarefa com desafios envolvendo a contagem e a composição do número 10. Da tarefa constam três questões: duas perguntas que exploram a ideia conceitual no campo aditivo e no campo subtrativo. E a terceira, visando a composição:

- 1) Quantas galinhas estão pintadas?;
- 2) Quantas galinhas faltam pintar?;
- 3) Desenhe as galinhas que faltam para formar o número 10.

A seguir, na Figura 3, apresentam-se as produções de três crianças de 5, 6 e 7 anos.

É curioso notar semelhanças na primeira parte da atividade, onde todas as crianças apesar de ainda espelharem os números, são precisas ao identificar as quantidades. Na etapa da composição do número 10, percebe-se a singularidade no registro do desenho das galinhas entre as três crianças. Porém, suas intuições sobre o sentido de número são próximas, apesar de idades diferenciadas. As suas preocupações e observações revelam diferentes estratégias na realização da tarefa, como se destaca a seguir.



M. 5 anos

V. 6 anos

A. 7 anos

Figura 3 – Contagem e decomposição.

Fonte: As autoras.

A criança M., de 5 anos, ao realizar a proposta afirma: “eu sei que faltam seis galinhas, mas eu não sei desenhar galinhas. Tem problema?” Motivada a representar as galinhas como quisesse, dedica-se a fazer grandes círculos, conferindo um a um, a cada novo traço na folha, certificando-se do todo para formar o número 10.

A criança V., de 6 anos, conta mentalmente e afirma: “Tem quatro galinhas, então faltam seis”. E começa seu trabalho, desenha uma galinha por vez e dedica-se a colorir, só então inicia o desenho da próxima galinha. No final, conta o todo e entrega a atividade.

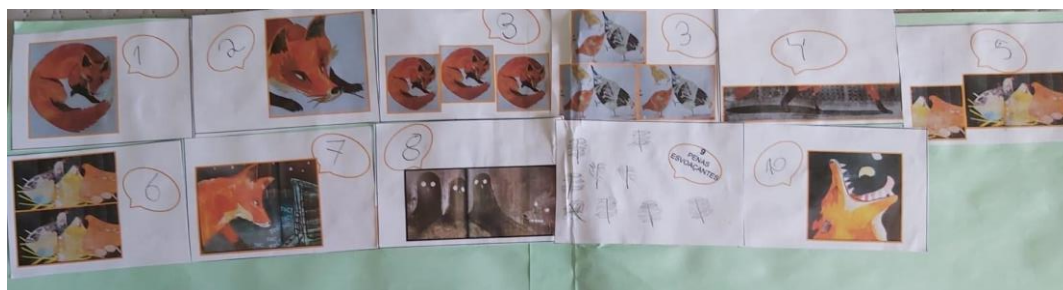
A criança A., de 7 anos, conta as galinhas que estão na atividade e olha para os dedinhos de suas mãos, como forma de visualizar esses números. Em seguida, conta os dedos que faltam e começa a desenhar as galinhas, uma atrás da outra, sem se preocupar em colorir ou se certificar da quantidade. De repente, para e confere e assim, conta onze galinhas e diz: “Opa, fiz uma a mais!” Ela risca uma galinha e diz que terminou a tarefa.

3.3. Atividade 3: Eu conto e você ordena!

Na turma do 1º ano, após contar a história e propor a atividade de recontar as galinhas descrita acima, a professora apresenta uma coleção de imagens referentes à história, em forma de quadrinhos. A intenção é que os alunos encontrem relações numéricas nas imagens e formem a sequência da história, levando-se em consideração a contagem do 1 até ao 10, dando significado aos números e associando as imagens escolhidas a cada número da sequência.

Aqui, ao escreverem nos quadrinhos os Algarismos envolvidos nos quadrinhos, observa-se, para além da intuição sobre o sentido de número, a quantificação, as relações que se estabelecem entre imagem e a representação simbólica do número. Também nota-se a leitura de número, a construção e sequência numérica, a contagem mental (e não mais termo a termo) que requer certa abstração e a compreensão de número e

quantidades apresentadas nas imagens dos quadrinhos apontadas por cada criança durante a sua produção, como pode ser visto na Figura 4. onde estão as produções de duas crianças de 6 e 7 anos, respectivamente. Verificamos que alguns dos quadros escolhidos retratam os vários momentos da história, enquanto que outros apenas têm como preocupação subjacente a quantidade envolvida.



B. 6 anos



F. 7 anos

Figura 4 –Ilustração da história.

Fonte: As autoras.

3.4 Atividade 3: Eu conto e vocês criam!

Inspirados na história “Uma raposa”, a tarefa de culminância para a turma do 1º ano foi a criação de uma história autoral com números. Com esta proposta podemos observar o conhecimento de número, os significados e as relações estabelecidas pelos alunos ao criarem suas histórias. Essa atividade exige conhecimento de número em que precisam trabalhar num contexto em que explorem a ideia conceitual aditiva ao pensarem na sequência numérica de 1 até o 10. Também requer que se utilizem contagens para computar quantidades a cada parte da história.

Portanto, observamos que, o tempo da visita à Escola e aplicação da atividade, não foi suficiente para se dedicarem com afinco e desenvolverem suas ideias com os números.

Alguns alunos trabalharam com o objetivo, outros dedicaram-se a escrever histórias e não incluíram os números. Porém, nos registros percebe-se que recontaram a história “Uma raposa” e não seguiram a sequência numérica do 1 até o 10. O que

demonstra que essa atividade é mais desafiadora e, certamente, deve ser trabalhada por etapas com crianças dessa faixa etária.

4. Considerações finais

A flexibilização e compreensão da composição do número 10 é de fundamental importância para o desenvolvimento de uma mentalidade matemática num sistema de numeração decimal. Pensar sobre combinações numéricas favorece o entendimento de fatos matemáticos, o que colabora para a aprendizagem e compreensão profunda sobre números e como eles se relacionam uns com os outros.

Nas propostas decorrentes do contato com o conto “Uma raposa”, Keat Read, os estudantes desenvolveram uma ideia, conseguindo evoluir na espiral do seu raciocínio sobre a ordenação de uma narrativa, a relação número-quantidade, o registro simbólico e a composição do número 10, tendo ampliado o repertório através da compreensão de conceitos sobre a construção de número, independente do momento de sua aprendizagem.

Com este tipo de atividade, pode perceber-se uma importante diferença no momento da contagem que deixa de ser uma tarefa mecânica. Ao serem convidados a encontrar, nas imagens dos quadrinhos, elementos que dessem sentido à contagem do número 1 até o número 10, cada aluno pode, individualmente, visualizar e conferir sentido a essa contagem, o que invoca significado para a aprendizagem.

A convergência de diferentes propostas envolvendo a contagem, para as quais mobilizaram recursos como desenhos, símbolos escritos, assim como compararam ideias e expressaram oralmente justificativas para suas hipóteses e conclusões sobre as tarefas, evidenciou que as crianças compreendem, estimam e expressam a noção de quantidade, especialmente quando têm oportunidade e possibilidade de interagirem entre si e espaço para dialogar com o professor mediador.

É importante ressaltar que a apropriação de noções matemáticas, levando-se em consideração o senso numérico, não se restringe a fases específicas de desenvolvimento da criança, de modo que antes mesmo de estar na sala de aula, ela desenvolve as primeiras noções matemáticas na medida em que é exposta a jogos infantis, a vivenciar situações do cotidiano que envolvem números e seja instigada à contar, a comparar, a ordenar, a medir e a quantificar desde muito cedo.

Uma vez na sala de aula, o mais enriquecedor que, como professores-mediadores, podemos oferecer e proporcionar aos nossos alunos é incentivá-los a pensar sobre padrões e ideias que sejam capazes de “fazer” sentido. O senso numérico se dá, justamente, por meio de uma mentalidade matemática focada em dar sentido a números e quantidades que se desenvolvem juntos, um é alimento para o outro. Segundo Boaler (2016), a Matemática é um domínio conceitual. Ela não se resume, como muitos pensam, a uma lista de fatos e métodos a serem lembrados, e sua prática vai muito além da aplicação de regras e uso de algoritmos.

A abordagem MM permite trabalhar de forma flexível, ajudando o aluno a perceber a não rigidez na composição dos números, ampliando sua capacidade de articular estratégias para encontrar soluções e, conseqüentemente, desde os anos iniciais, realizar cálculos que contemplem diferentes operações matemáticas, onde fazer matemática, faz sentido e torna a aprendizagem mais potente.

Nesse sentido, a proposta de diferentes atividades, visando um mesmo objetivo, potencializaram a comunicação entre as crianças e entre a professora e as crianças, enquanto favoreceram diferentes linguagens: verbal, gestual, pictóricas/desenhos. O contexto dialógico promovido corroborou com a intencionalidade da professora para a percepção sobre a compreensão da relação entre quantidade e número construída pela criança, a partir das relações que ela estabeleceu através das interações com a história contada e o ambiente da sala de aula, o que vem ao encontro não só da abordagem Mentalidades Matemáticas mas, também, do reconhecimento e fundamental importância da valorização do desenvolvimento do sentido de número.

Ao ser criado o contexto lúdico, com a narrativa, as crianças interagiram com os personagens da história, investigaram quantidades, compararam elementos e comunicaram ideias, por meio do desenho, da escrita e/ou oralmente, assim como exploraram os processos de contagem, de quantidade e da composição do número 10. Dessa forma, desenvolveram noções e estratégias matemáticas importantes para o seu aprofundamento e conexão de conceitos matemáticos.

A valorização do conhecimento prévio, do sentido de número trazido pelas crianças, alinhada à abordagem MM tornou cada aluno(a), protagonista de sua aprendizagem, pois teve liberdade de explorar a seu modo a contagem, assim como de comprovar suas conjecturas. As propostas evidenciaram a escuta, no que diz respeito à linguagem matemática. A literatura, por sua vez, favoreceu a socialização das crianças, a autonomia para a interpretação do conto, o despertar da curiosidade e o engajamento pedagógico.

Enfatizamos o reconhecimento de cada aluno com potencial para transformar a sua aprendizagem numa história de sucesso, que possui originalidade e singularidade, mesmo sendo parte de um grupo, um ser pensante que é capaz de aprender e que tem o direito de vivenciar uma Matemática mais empática e conivente com cada momento na espiral do seu conhecimento.

5. Referências

ASSIS, Évelin F. de; CORSO, L. V.; THORNTON, A. F.; NUNES, S. C. T. Estudo do senso numérico: aprendizagem matemática e pesquisa em perspectiva. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 14, p. e2757030, 2020. DOI: 10.14244/198271992757.

Disponível em:

<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2757>. Acesso em: 18 fev. 2024.

BOALER, Jo. **O que a Matemática tem a ver com isso?** Como professores e pais podem transformar a aprendizagem da Matemática e inspirar sucesso. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação é a Base. Brasília, DF, 2018.

BOALER, Jo. **Mentalidades Matemáticas:** Estimulando o potencial dos estudantes por meio da matemática criativa, das mensagens inspiradoras e do ensino inovador. Porto Alegre: Penso, 2019.

CORSO, Luciana Vellinho; DORNELES, Beatriz Vargas. Senso numérico e dificuldades de aprendizagem na matemática. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 27, n. 83, p. 298-309, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 fev. 2024.

DWECK, Carol S. **MINDSET:** A nova psicologia do sucesso. Rio de Janeiro, RJ: EDITORA SCHWARCZ S. A, 2021.

READ, Kate. **Uma raposa:** um livro de contar (e de suspense). São Paulo, SP: EDITORA SCHWARCZ S. A, 2022.

RESNICK, Mitchel. **Jardim de infância para a vida toda:** por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos. Porto Alegre: Penso, 2020.

VIAL, Indiana Picolo; RICHIT, Adriana. A noção de quantidade apresentada por crianças da pré-escola a partir de atividades baseadas na abordagem de Reggio Emilia. **Revista de Educação Matemática (REMat)**, São Paulo (SP), v. 19, pp. 01-28, 2022, DOI: 10.37001/remat25269062v19id703

XU, Fei; SPELKE, Elizabeth S. Large number discrimination in 6-month-old infants, **Cognition**, Volume 74, Issue 1, Pages B1-B11, 2000, [https://doi.org/10.1016/S0010-0277\(99\)00066-9](https://doi.org/10.1016/S0010-0277(99)00066-9).